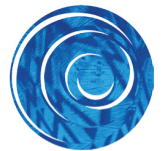




BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



A estética da singularidade

O que buscamos é a intensidade do presente. O antes e o depois desaparecem. Nunca antes uma sociedade teve uma percepção tão efêmera de seu passado.

Fredric Jameson, Sala São Paulo, 25 de maio de 2011.

O crítico literário e pensador político norte-americano Fredric Jameson foi o primeiro convidado do *Fronteiras do Pensamento* São Paulo 2011. A conferência de Jameson, *A estética da singularidade*, interligou diversas áreas do pensamento e traçou um paralelo entre os períodos conhecidos como modernidade e pós-modernidade. A ideia base do filósofo foi a premissa de que pós-modernidade e globalização são as duas faces constitutivas de um só fenômeno: o tecido que compõe a contemporaneidade.

Compreendendo conceitos

Ao iniciar sua conferência, Jameson definiu alguns conceitos chave para a compreensão de sua fala. Para o convidado, *pós-modernidade* é a face cultural de nosso tempo e *globalização* é a infraestrutura, a face econômica. Unindo estes dois elementos, temos o movimento característico da atualidade, que, para o conferencista, chama-se *Singularidade*.

A estética da singularidade

Sempre buscando demonstrar como o movimento da *Singularidade* é paradigmático e como ele se repete em todas as instâncias da realidade, Jameson partiu da análise da estética e da arte em geral para argumentar que o tecido que compõe a contemporaneidade é o preciso fim de qualquer tecido universal.

Na arte moderna, havia uma temática, um caráter quase religioso que ligava as obras e que constituía estilos e gêneros universais. O artista modernista tentava produzir uma forma de trabalho, buscava traduzir uma visão total de mundo. O espírito da arte modernista tinha um “caráter quase religioso”, como Jameson denominou - era uma tentativa de transcrever tudo que compunha o mundo do artista. E era nessa tentativa de capturar o universal que ele ultrapassava a expressão de um evento pontual e criava um estilo próprio de produção artística.

Esta ideia de universal é abolida na pós-modernidade. De acordo com o conferencista, a pós-modernidade retoma o Nominalismo (doutrina que não admite a existência do universal, oposta ao Universalismo). Por isso Jameson utiliza os termos *singular/Singularidade*, pois a busca pela expressão universal é substituída pela lógica do exclusivo, do *singular*. Neste movimento, o objeto artístico e o estilo, tentativas de expressar o universal, perdem-se. As pinturas são substituídas por instalações ou por exposições.

A arte não se trata mais do objeto em si, mas da relação entre objetos. Não há mais um produto artístico final, mas uma estratégia de produção. O objeto se torna a fusão de objetos, o corpo artístico não é mais feito para a posteridade ou para uma coleção permanente, ele é uma combinação de elementos montados para serem apresentados no agora. Nas palavras do filósofo, “tudo deve aceitar a efemeridade e abraçar a ideia de que não é mais sobre o objeto, mas sim sobre o evento.”



WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR

Braskem
Novas formas de ver o mundo

CPFL
ENERGIA

natura
bem estar bem

M Mackenzie

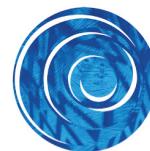
FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER

CASA DO SABER



BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



Da pós-modernidade à globalização: arte, comunicação e economia se espelham

A arte atual é gerada por uma única ideia que combina forma e conteúdo. Não experimentamos o sensorial, não admiramos a obra, mas sim consumimos uma combinação de elementos - a ideia da obra. Arte não é mais uma entidade visual, mas sim uma ideia. Isso também pode ser visto no mundo das comunicações com toda sua tecnologia. Assim como o automóvel foi consumido por seu valor útil e simbólico, o computador nos faz consumir a forma e o conteúdo da comunicação, a ideia da comunicação - consumimos a estratégia da comunicação juntamente com sua informação.

Assim como a comunicação atual espelha a arte, o mundo financeiro e nossa ligação com os produtos espelham as teorias do simulacro na comunicação. O capital atual é uma abstração distante daquele modernista: é, agora, um sistema meta-significante. Mais um evento do que um objeto durável, o mercado de ações passa por um processo de abstração.

Jameson se embasou no economista italiano Giovanni Arrighi para explicar como o capital segue um sistema cíclico trifásico em que, primeiramente, o capitalismo se implanta; na segunda fase, a ênfase se volta ao desenvolvimento e à produção; e, finalmente, chegamos à saturação do sistema e à sua especulação. Para Jameson, a globalização é esta terceira fase de Arrighi: o momento em que o conteúdo concreto (o produto) é substituído por sua especulação.

Este comportamento em que o capital especulativo supera o produto e em que o evento supera o corpo concreto é, como afirma Jameson, também base das teorias do simulacro, do espetáculo e da imaterialidade de todos os tipos que caracterizam as filosofias atuais como um todo: é a base da *Singularidade*.

A noção filosófica de *Singularidade* propõe foco no único e no exclusivo e, como consequência, a ideia de norma universal é repudiada, pois implicaria um afastamento das minorias e das culturas marginalizadas. Surgem as lutas contra qualquer ideia de natureza humana e contra qualquer sistema metafísico definitivo. Estas lutas, que caracterizam a filosofia pós-moderna, são um sintoma direto destes movimentos característicos da atualidade descritos pelo convidado.

Assim como a filosofia de nosso tempo é uma luta contra a ideia do universal, a política se comporta da mesma forma. Não pode haver uma regulamentação em escala mundial, pois os contratos globais precisam ser diferentes. De tal modo, vemos casos em que a luta de minorias se chocam com a ideia dos direitos humanos universais, acentuando ainda mais a noção de singular e nos distanciando do universal. Mas, ao mesmo tempo, sendo a *Singularidade* a conversão do objeto concreto para sua ideia, passamos do universal para a ideia do universal.

Para o conferencista, a economia internacional (venda e conversão de moedas, investimentos além-mar, especulações virtuais financeiras) e as novas ferramentas da comunicação (internet) dão origem à comodificação do futuro, à compra e venda de produtos e culturas enquanto ideias. Juntas, estas duas faces da *Singularidade* - economia e cultura (ou pós-modernidade e globalização) -, aceleram os processos ao ponto em que o sentido do tempo se perde.



WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR

Braskem
Novas formas de ver o mundo

CPFL
ENERGIA

natura
bem estar bem

M Mackenzie

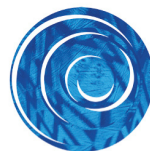
FOLHA
NÃO DA PRA NÃO LER

CASA DO SABER



BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



“Ninguém mais acredita na transformação da sociedade a longo prazo”, argumenta Jameson. “O presente está encerrado, o passado não existe e o futuro é visto como desastre ecológico”. Sem a proteção de família e sem identidade nacional, o sujeito vulnerável produz fatalmente mudanças na realidade existencial humana. “Nunca antes uma sociedade teve uma percepção tão efêmera de seu passado”, nas palavras do convidado.

Com a perda do sentido de tempo, a política pós-moderna se torna essencialmente uma questão da terra. Como exemplificou o conferencista, basta pensar nas políticas de imigração, nas florestas, na Palestina, nas grandes cidades, favelas e periferias. E a questão do tempo, nestes conflitos ligados à terra que surgem atualmente, aparece nas mensagens de celular e na divulgação destes eventos via mídias sociais.

O tempo se converte na política do instante, o sentido de história é reduzido ao presente. A distância espacial é, agora, a da simultaneidade temporal. “Na nova dialética da onipresença do espaço e da redução do tempo ao presente”, conclui Fredric Jameson, “o único perdedor é a história: o passado se perdeu e não conseguimos mais imaginar o futuro.”



WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR

Braskem
Novas formas de ver o mundo

CPFL
ENERGIA

natura
bem estar bem

M Mackenzie

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER

CASA DO SABER